

OS LUSÍADAS

IX

- 1 TIVERAM longamente na cidade,
Sem vender-se, a fazenda os dous feitores,
Que os Infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.

- 2 Lá no seio Eritreu, onde fundada
Arsínoe foi do Egípcio Ptolomeu
(Do nome da irmã sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteu),
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceu
Com a superstição falsa e profana
Da religiosa água Maumetana.

- 3 Gidá se chama o porto aonde o trato
De todo o Roxo Mar mais florescia,
De que tinha proveito grande e grato
O Soldão que esse Reino possuía.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos Infiéis, fermosa companhia
De grandes naus, pelo Índico Oceano,
Especiaria vem buscar cada ano.

OS LUSÍADAS

- 4 Por estas naus os Mouros esperavam,
Que, como fossem grandes e possantes,
Aquelas que o comércio lhe tomavam,
Com flamas abrasassem crepitantes.
Neste socorro tanto confiavam
Que já não querem mais dos navegantes
Senão que tanto tempo ali tardassem
Que da famosa Meca as naus chegassem.
- 5 Mas o Governador dos Céus e gentes,
Que, pera quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes
Por onde vem a efeito o fim fadado,
Influiu piadosos acidentes
De afeição em Monçaide, que guardado
Estava pera dar ao Gama aviso
E merecer por isso o Paraíso.
- 6 Este, de quem se os Mouros não guardavam
Por ser Mouro como eles (antes era
Participante em quanto maquinavam),
A tenção lhe descobre torpe e fera.
Muitas vezes as naus que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O dano sem razão que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas
Que de Arábica Meca vem cad' ano,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Pera ser instrumento deste dano;
Diz-lhe que vêm de gente carregadas
E dos trovões horrendos de Vulcano,
E que pode ser delas oprimido,
Segundo estava mal apercebido.

OS LUSÍADAS

- 8 O Gama, que também considerava
O tempo que pera a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama,
Aos feitores que em terra estão, mandava
Que se tornem às naus; e, por que a fama
Desta súbita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.
- 9 Porém não tardou muito que, voando,
Um rumor não soasse, com verdade:
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sábio Capitão, com brevidade
Faz represária nuns que às naus vieram
A vender pedraria que trouxeram.
- 10 Eram estes antigos mercadores
Ricos em Calecu e conhecidos;
Da falta deles, logo entre os melhores
Sentido foi que estão no mar retidos.
Mas já nas naus os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante e, repartidos
Pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
Outros quebram co peito duro a barra,
- 11 Outros pendem da verga e já desatam
A vela, que com grita se soltava,
Quando, com maior grita, ao Rei relatam
A pressa com que a armada se levava.
As mulheres e filhos, que se matam,
Daqueles que vão presos, onde estava
O Samorim se aqueixam que perdidos
Uns têm os pais, as outras os maridos.

OS LUSÍADAS

- 12 Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda, livremente,
Apesar dos inimigos Maumetanos,
Por que lhe torne a sua presa gente.
Desculpas manda o Rei de seus enganos;
Recebe o Capitão de melhormente
Os presos que as desculpas e, tornando
Alguns negros, se parte, as velas dando.
- 13 Parte-se costa abaxo, porque entende
Que em vão co Rei gentio trabalhava
Em querer dele paz, a qual pretende
Por firmar o comércio que tratava;
Mas como aquela terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna à pátria cara,
Certos sinais levando do que achara.
- 14 Leva alguns Malabares, que tomou
Per força, dos que o Samorim mandara
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprara;
A seca flor de Banda não ficou;
A noz e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co a canela
Com que Ceilão é rica, ilustre e bela.
- 15 Isto tudo lhe houvera a diligência
De Monçaide fiel, que também leva,
Que, inspirado de Angélica influência,
Quer no livro de Cristo que se escreva.
Oh, ditoso Africano, que a demência
Divina assi tirou de escura treva,
E tão longe da pátria achou maneira
Pera subir à pátria verdadeira!

OS LUSÍADAS

- 16 Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Pera onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da Esperança Boa,
Levando alegres novas e reposta
Da parte Oriental pera Lisboa,
Outra vez cometendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos.
- 17 O prazer de chegar à pátria cara,
A seus penates caros e parentes,
Pera contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes;
Vir a lograr o prémio que ganhara,
Por tão longos trabalhos e acidentes:
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito.
- 18 Porém a Deusa Cípria, que ordenada
Era, pera favor dos Lusitanos,
Do Padre Eterno, e por bom génio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes, alegria.
- 19 Depois de ter um pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deus nascido
Nas Anfiónias Tebas se causaram,
Já trazia de longe no sentido,
Pera primo de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso,
No Reino de cristal, líquido e manso;

OS LUSÍADAS

- 20 Algun repouso, enfim, com que pudesse
 Refocilar a lassa humanidade
 Dos navegantes seus, como interesse
 Do trabalho que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão que conta desse
 A seu filho, por cuja potestade
 Os Deuses faz decer ao vil terreno
 E os humanos subir ao Céu sereno.
- 21 Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada, lá no meio
 Das águas, algũa ínsula divina,
 Ornada d' esmaltado e verde arreio;
 Que muitas tem no reino que confina
 Da primeira co terreno seio,
 Afora as que possui soberanas
 Pera dentro das portas Herculan.
- 22 Ali quer que as aquáticas donzelas
 Esperem os fortíssimos barões
 (Todas as que têm título de belas,
 Glória dos olhos, dor dos corações)
 Com danças e coreias, porque nelas
 Influirá secretas afeições,
 Pera com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se afeiçoarem.
- 23 Tal manha buscou já pera que aquele
 Que de Anquises pariu, bem recebido
 Fosse no campo que a bovina pele
 Tomou de espaço, por sutil partido.
 Seu filho vai buscar, porque só nele
 Tem todo seu poder, fero Cupido,
 Que, assi como naquela empresa antiga
 A ajudou já, nestoutra a ajude e siga.

OS LUSÍADAS

- 24 No carro ajunta as aves que na vida
Vão da morte as exéquias celebrando,
E aquelas em que já foi convertida
Perístera, as boninas apanhando;
Em derredor da Deusa, já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando;
Ela, por onde passa, o ar e o vento
Serenamente faz, com brando movimento.
- 25 Já sobre os Idálios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer ãa famosa expedição
Contra o mundo revelde, por que emende
Erros grandes que há dias nele estão,
Amando cousas que nos foram dadas,
Não pera ser amadas, mas usadas.
- 26 Via Actéon na caça tão austero,
De cego na alegria bruta, insana,
Que, por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana.
(E guarde-se não seja inda comido
Desses cães que agora ama, e consumido).
- 27 E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não têm amor a mais
Que a si sòmente, e a quem Filáucia ensina;
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação, que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

OS LUSÍADAS

- 28 Vê que aqueles que devem à pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amam sòmente mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade;
Da feia tirania e de aspereza
Fazem direito e vã severidade;
Leis em favor do Rei se estabelecem,
As em favor do povo só perecem.
- 29 Vê, enfim, que ninguém ama o que deve,
Senão o que sòmente mal deseja.
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro e justo seja.
Seus ministros ajunta, por que leve
Exércitos conformes à peleja
Que espera ter co a mal regida gente
Que lhe não for agora obediente.
- 30 Muitos destes mininos voadores
Estão em várias obras trabalhando:
Uns amolando ferros passadores,
Outros hásteas de setas delgaçando.
Trabalhando, cantando estão de amores,
Vários casos em verso modulando;
Melodia sonora e concertada,
Suave a letra, angélica a soada.
- 31 Nas fráguas imortais onde forjavam
Pera as setas as pontas penetrantes,
Por lenha corações ardendo estavam,
Vivas entranhas inda palpitantes;
As águas onde os ferros temperavam,
Lágrimas são de míseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo é só que queima e não consume.

OS LUSÍADAS

- 32 Alguns exercitando a mão andavam
Nos duros corações da plebe ruda;
Crebros suspiros pelo ar soavam
Dos que feridos vão da seta aguda.
Fermosas Ninfas são as que curavam
As chagas recebidas, cuja ajuda
Não sòmente dá vida aos mal feridos,
Mas põe em vida os inda não nascidos.
- 33 Fermosas são algũas e outras feias,
Segundo a qualidade for das chagas,
Que o veneno espalhado pelas veias
Curam-no às vezes ásperas triagas.
Alguns ficam ligados em cadeias
Por palavras sutis de sábias magas;
Isto acontece às vezes, quando as setas
Acertam de levar ervas secretas.
- 34 Destes tiros assi desordenados,
Que estes moços mal destros vão tirando,
Nascem amores mil desconcertados
Entre o povo ferido miserando;
E também nos heróis de altos estados
Exemplos mil se vêm de amor nefando,
Qual o das moças Bíbli e Cinireia,
Um mancebo de Assíria, um de Judeia.
- 35 E vós, ó poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos e rudos, vós, senhoras,
Também vos tomam nas Vulcâneas redes.
Uns esperando andais nocturnas horas,
Outros subis telhados e paredes;
Mas eu creio que deste amor indino
É mais culpa a da mãe que a do minino.

OS LUSÍADAS

- 36 Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente;
E Dione, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente.
O frecheiro que contra o Céu se atreve
O recebê-la vem, ledó e contente;
Vêm todos os Cupidos servidores
Beijar a mão à Deusa dos amores.
- 37 Ela, por que não gaste o tempo em vão,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: – «Amado filho, em cuja mão
Toda minha potência está fundada;
Filho, em quem minhas forças sempre estão,
Tu, que as armas Tifeias tens em nada,
A socorrer-me a tua potestade
Me traz especial necessidade.
- 38 «Bem vês as Lusitânicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei, minhas amigas,
Que me hão-de venerar e ter em preço.
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me ofereço
A lhe dar tanta ajuda, em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.
- 39 «E porque das insídias do odioso
Baco foram na Índia molestados,
E das injúrias sós do mar undoso
Puderam mais ser mortos que cansados,
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados,
Tomando aquele prémio e doce glória
Do trabalho que faz clara a memória.

OS LUSÍADAS

- 40 «E pera isso queria que, feridas
As filhas de Nereu no ponto fundo,
D' amor dos Lusitanos incendidas
Que vêm de descobrir o novo mundo,
Todas nũa ilha juntas e subidas,
(Ilha que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zéfiro adornada);
- 41 «Ali, com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Fermosos leitos, e elas mais fermosas;
Enfim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
D' amor feridas, pera lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem.
- 42 «Quero que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progénie forte e bela;
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potência se rebela,
Por que entendam que muro Adamantino
Nem triste hipocrisia val contra ela;
Mal haverá na terra quem se guarde
Se teu fogo imortal nas águas arde.»
- 43 Assi Vénus propôs; e o filho inico,
Pera lhe obedecer, já se apercebe:
Manda trazer o arco ebúrneo rico,
Onde as setas de ponta de ouro embebe.
Com gesto ledó a Cípria, e impudico,
Dentro no carro o filho seu recebe;
A rédea larga às aves cujo canto
A Faetonteia morte chorou tanto.

OS LUSÍADAS

- 44 Mas diz Cupido que era necessária
Ua famosa e célebre terceira,
Que, posto que mil vezes lhe é contrária,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deusa Giganteia, temerária,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e, por onde voa,
O que vê, com mil bocas apregoa.
- 45 Vão-a buscar e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d' outrem celebrara.
Já, murmurando, a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara;
Fala verdade, havida por verdade,
Que junto a Deusa traz Credulidade.
- 46 O louvor grande, o rumor excelente,
No coração dos Deuses que indinados
Foram por Baco contra a ilustre gente,
Mudando, os fez um pouco afeiçoados.
O peito feminino, que levemente
Muda quaisquer propósitos tomados,
Já julga por mau zelo e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as setas,
Ûa após outra: geme o mar cos tiros;
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros; –
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros;
Cai qualquer, sem ver o vulto que ama,
Que tanto como a vista pode a fama.

OS LUSÍADAS

- 48 Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa,
Com força, o moço indómito, excessiva,
Que Tétis quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava seta algũa,
Nem nos equóreos campos Nínfa viva;
E se, feridas, inda estão vivendo,
Será pera sentir que vão morrendo.
- 49 Dai lugar, altas e cerúleas ondas,
Que, vedes, Vénus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vêm por cima da água Neptunina.
Pera que tu recíproco respondas,
Ardente Amor, à flama feminina,
É forçado que a pudicícia honesta
Faça quanto lhe Vénus amoesta.
- 50 Já todo o belo coro se aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreias gentis, usança velha,
Pera a ilha a que Vénus as guiava.
Alí a fermosa Deusa lhe aconselha
O que ela fez mil vezes, quando amava;
Elas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho oferecidas.
- 51 Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente pera a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Pera a grande viagem prolongada,
Quando, juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da Ilha namorada,
Rompendo pelo céu a mãe fermosa
De Menónio, suave e deleitosa.

OS LUSÍADAS

- 52 De longe a Ilha viram, fresca e bela,
Que Vénus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vela)
Pera onde a forte armada se enxergava;
Que, por que não passassem, sem que nela
Tomassem porto, como desejava,
Pera onde as naus navegam a movia
A Acidália, que tudo, enfim, podia.
- 53 Mas firme a fez e imóvel, como viu
Que era dos Nautas vista e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pariu
Latona Febo e a Deusa à caça usada.
Pera lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia ãa enseada
Curva e quieta, cuja branca areia
Pintou de ruivas conchas Citereia.
- 54 Três fermosos outeiros se mostravam,
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na fermosa Ilha, alegre e deleitosa.
Claras fontes e límpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora linfa fugitiva.
- 55 Num vale ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras águas ajuntar-se,
Onde ãa mesa fazem, que se estende
Tão bela quanto pode imaginar-se.
Arvoredo gentil sobre ela pende,
Como que pronto está pera afeitar-se,
Vendo-se no cristal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

OS LUSÍADAS

- 56 Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos;
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos.
Encosta-se no chão, que está caindo,
A cidreira cos pesos amarelos;
Os fermosos limões ali cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.
- 57 As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma ennobrecidos,
Álemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, cos pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Pera onde é posto o etéreo Paraíso.
- 58 Os dões que dá Pomona ali Natura
Produze, diferentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito milhores:
As cereijas, purpúreas na pintura,
As amoras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Milhor tomado no terreno alheio;
- 59 Abre a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, cuns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que cos bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

OS LUSÍADAS

- 60 Pois a tapeçaria bela e fina
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos dina,
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor Cifísia inclina
Sôbolo tanque lúcido e sereno;
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras.
- 61 Pera julgar, difícil cousa fora,
No céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lha dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;
- 62 A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona.
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.
- 63 Ao longo da água o níveo cisne canta;
Responde-lhe do ramo filomela;
Da sombra de seus cornos não se espanta
Acteon n' água cristalina e bela.
Aqui a fugace lebre se levanta
Da espessa mata, ou tímida gazela;
Ali no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

OS LUSÍADAS

- 64 Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas.
Algũas, doces cítaras tocavam;
Algũas, harpas e sonoras frautas;
Outras, cos arcos de ouro, se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam.
- 65 Assi lho aconselhara a mestra experta:
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que, vista dos barões a presa incerta,
Se fizessem primeiro desejadas.
Algũas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na água pura.
- 66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos
(Que não há nenhum deles que não saia),
De acharem caça agreste desejosos,
Não cuidam que, sem laço ou redes, caia
Caça naqueles montes deleitosos,
Tão suave, doméstica e benina,
Qual ferida lha tinha já Ericina.
- 67 Alguns, que em espingardas e nas bestas
Pera ferir os cervos, se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam;
Outros, nas sombras, que de as altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da água, que, suave e queda,
Por alvas pedras corre à praia leda.

OS LUSÍADAS

- 68 Começam de enxergar subitamente,
Por entre verdes ramos, várias cores,
Cores de quem a vista julga e sente
Que não eram das rosas ou das flores,
Mas da lã fina e seda diferente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais fermosas.
- 69 Dá Veloso, espantado, um grande grito:
– «Senhores, caça estranha (disse) é esta!
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deusas é sagrada esta floresta.
Mais descobrimos do que humano espirito
Desejou nunca, e bem se manifesta
Que são grandes as cousas e excelentes
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.
- 70 «Sigamos estas Deusas e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras.»
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas, mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.
- 71 De ãa os cabelos de ouro o vento leva,
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Acende-se o desejo, que se ceva
Nas alves carnes, súbito mostradas.
Ûa de indústria cai, e já releva,
Com mostras mais macias que indinadas,
Que sobre ela, empecendo, também caia
Quem a seguiu pela arenosa praia.

OS LUSÍADAS

- 72 Outros, por outra parte, vão topar
Com as Deusas despidas, que se lavam;
Elas começam súbito a gritar,
Como que assalto tal não esperavam;
Ûas, fingindo menos estimar
A vergonha que a força, se lançavam
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que às mãos cobiçosas vão negando;
- 73 Outra, como acudindo mais depressa
À vergonha da Deusa caçadora,
Esconde o corpo n' água; outra se apressa
Por tomar os vestidos que tem fora.
Tal dos mancebos há que se arremessa,
Vestido assi e calçado (que, co a mora
De se despir, há medo que inda tarde)
A matar na água o fogo que nele arde.
- 74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
Usado a tomar na água a ave ferida,
Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido
Pera a garcena ou pata conhecida,
Antes que soe o estouro, mal sofrido
Salta n' água e da presa não duvida,
Nadando vai e latindo: assi o mancebo
Remete à que não era irmã de Febo.
- 75 Leonardo, soldado bem disposto,
Manhoso, cavaleiro e namorado,
A quem Amor não dera um só desgosto
Mas sempre fora dele mal tratado,
E tinha já por firme pros[s]uposto
Ser com amores mal afortunado,
Porém não que perdesse a esperança
De inda poder seu fado ter mudança,

OS LUSÍADAS

- 76 Quis aquí sua ventura que corria
Após Efire, exemplo de beleza,
Que mais caro que as outras dar queria
O que deu, pera dar-se, a natureza.
Já cansado, correndo, lhe dizia:
– «Ó formosura indina de aspereza,
Pois desta vida te concedo a palma,
Espera um corpo de quem levas a alma!
- 77 «Todas de correr cansam, Ninfa pura,
Rendendo-se à vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura?
Quem te disse que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquela ventura
Que em toda a parte sempre anda comigo,
Oh, não na creias, porque eu, quando a cria,
Míl vezes cada hora me mentia.
- 78 «Não canses, que me cansas! E se queres
Fugir-me, por que não possa tocar-te,
Minha ventura é tal que, inda que esperes,
Ela fará que não possa alcançar-te.
Espera; quero ver, se tu quiseses,
Que sutil modo busca de escapar-te;
E notarás, no fim deste sucesso,
‘Tra la spica e la man qual muro he messo.’
- 79 «Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve
Tempo fuja de tua formosura;
Que, só com refrear o passo leve,
Vencerás da fortuna a força dura.
Que Emperador, que exército se atreve
A quebrantar a fúria da ventura
Que, em quanto desejei, me vai seguindo,
O que tu só farás não me fugindo?

OS LUSÍADAS

- 80 «Pões-te da parte da desdita minha?
Fraqueza é dar ajuda ao mais potente.
Levas-me um coração que livre tinha?
Solta-mo e correrás mais levemente.
Não te carrega essa alma tão mesquinha
Que nesses fios de ouro reluzente
Atada levas? Ou, depois de presa,
Lhe mudaste a ventura e menos pesa?»
- 81 «Nesta esperança só te vou seguindo:
Que ou tu não sofrerás o peso dela,
Ou na virtude de teu gesto lindo
Lhe mudarás a triste e dura estrela.
E se se lhe mudar, não vás fugindo,
Que Amor te ferirá, gentil donzela,
E tu me esperarás, se Amor te fere;
E se me esperas, não há mais que espere.»
- 82 Já não fugia a bela Ninfa tanto,
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto, já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor.
- 83 Oh, que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves! Que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vénus com prazeres inflamava,
Milhor é exprimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode exprimentá-lo.

OS LUSÍADAS

- 84 Destarte, enfim, conformes já as fermosas
Ninfas cos seus amados navegantes,
Os ornam de capelas deleitosas
De louro e de ouro e flores abundantes.
As mãos alvas lhe davam como esposas;
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte, de honra e alegria.
- 85 Õa delas, maior, a quem se humilha
Todo o coro das Ninfas e obedece,
Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
O que no gesto belo se parece,
Enchendo a terra e o mar de maravilha,
O capitão ilustre, que o merece,
Recebe ali com pompa honesta e régia,
Mostrando-se senhora grande e egrégia.
- 86 Que, depois de lhe ter dito quem era,
Cum alto exórdio, de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender que ali viera
Por alta influência do imóvel fado,
Pera lhe descobrir da unida esfera
Da terra imensa e mar não navegado
Os segredos, por alta profecia,
O que esta sua nação só merecia,
- 87 Tomando-o pela mão, o leva e guia
Pera o cume dum monte alto e divino,
No qual ãa rica fábrica se erguia,
De cristal toda e de ouro puro e fino.
A maior parte aqui passam do dia,
Em doces jogos e em prazer contino.
Ela nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras, entre as flores.

OS LUSÍADAS

- 88 Assi a fermosa e a forte companhia
O dia quási todo estão passando
Nũa alma, doce, incógnita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando.
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O prémio lá no fim, bem merecido,
Com fama grande e nome alto e subido.
- 89 Que as Ninfas do Oceano, tão fermosas,
Tétis e a Ilha angélica pintada,
Outra cousa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
De palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta Ilha.
- 90 Que as imortalidades que fingia
A antiguidade, que os Ilustres ama,
Lá no estelante Olimpo, a quem subia
Sobre as asas ínclitas da Fama,
Por obras valerosas que fazia,
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude, alto e fragoso,
Mas, no fim, doce, alegre e deleitoso,
- 91 Não eram senão prémios que reparte,
Por feitos imortais e soberanos,
O mundo cos varões que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos.
Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte,
Eneas e Quirino e os dous Tebanos,
Ceres, Palas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.

OS LUSÍADAS

- 92 Mas a Fama, trombeta de obras tais,
Lhe deu no Mundo nomes tão estranhos
De Deuses, Semideuses, Imortais,
Indígetes, Heróicos e de Magnos.
Por isso, ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o ânimo, de livre, faz escravo.
- 93 E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão à gente:
Milhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer.
- 94 Ou dai na paz as leis iguais, constantes,
Que aos grandes não dêem o dos pequenos,
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos inimigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais e nenhum menos:
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras que ilustram tanto as vidas.
- 95 E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora cos conselhos bem cuidados,
Agora co as espadas, que imortais
Vos farão, como os vossos já passados.
Impossibilidades não façais,
Que quem quis, sempre pôde; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos
E nesta «Ilha de Vénus» recebidos.

OS LUSÍADAS

NOTAS

1.4

“Fazem que não lha comprem mercadores”: “E não lhe podendo fazer outro mal zombavão da mercadoria que deixara ã terra & fazião que não se vendesse” (Castanheda, I.XXII). Inicialmente a mercadoria não se estava a vender em Calecute.

2.1-8

“Lá no seio Eritreu, ...”: no mar Roxo (hoje mar Vermelho); “... onde fundada / *Arsínoe* foi do Egípcio Ptolomeu”: *Arsínoe*, princesa egípcia, filha de Ptolomeu Lagos, nascida por 316 a. C. Depois de ter sido esposa de Lisímaco, rei da Trácia, e de Ptolomeu Cerauno, casou com Ptolomeu Filadelfo, seu irmão germano, o qual deu o nome de *Arsínoe* a várias cidades. *Arsínoe* foi adorada no Egipto e na Grécia sob o nome de *Vénus Zefirítis*; “Que despois em Suez se converteu”: *Arsínoe* foi fundada perto da actual Suez. O Poeta em X.98.2 é mais dubitativo: “Dizem ...”; “Não longe o porto jaz ...”: a seguir, na est. 3, fala deste porto; “Cidade Meca, ...”: como *urbs Roma*. Capital do Hedjaz, na Arábia; “... que se engrandeceu / Com a superstição falsa e profana / Da religiosa água Maumetana”: alusão ao poço de Zenzém, junto à mesquita denominada, por extensão, a Caaba, a cuja água, dotada de propriedades miraculosas, os Maometanos atribuem a virtude de purificar de todos os pecados. Segundo a lenda, a fonte deste poço é a mesma que Jeová fez brotar para Agar e Ismael quando foram expulsos por Abraão.

3.1-4

“*Gidá* se chama o porto aonde o trato”: *Gidá* (Djeddá) é uma das principais cidades do Hedjaz. Era, e é, escala marítima de Meca; “De todo o Roxo Mar mais florescia”: é o “seio Eritreu” da est. 2; “O Soldão ...”: forma antiga de *Sultão*, o imperador dos Turcos. Ort.: *floreçia* (por *floresciã*); *fermosa* (por *formosa*).

4.3-8

“Aquelas que o comércio lhe tomavam, / Com flamas abrasassem

OS LUSÍADAS

crepitantes”: esperavam as naus turcas para abrasar as naus portuguesas, que “o comércio lhes tomavam”; “Que da famosa Meca as naus chegassem”: “Vasco da Gama, posto que sentisse que todos estes artificios são dilações pera o deter té a vinda das naos de Mecha, segundo lhe tinha dito o Mouro Moçaide ...” (Barros, I.IV.X.)

5.5

“Influiu piadosos acidentes”: inspirou piedosos sentimentos.
Ort.: *piadosos* (por *piedosos*).

6.1-7

“Este ...”: Monçaide; “O dano ... que se lhe ordena”: o dano que se lhe prepara.

7.6-8

“E dos trovões horrendos de Vulcano”: de bombardas; “Segundo estava mal apercebido”: é também o último verso de III.35.

8.6-7

“... e, *por que* a fama / Desta súbita vinda os não *impida*”: e para que os feitores (portugueses) não sejam impedidos de regressar aos navios. *Impida*, como em VIII.75.4: *impidas*.

9.1-7

“Porém não tardou muito que, voando, / Um rumor não soasse ...”: “Tornado Diogo dias cõ esta reposta acõpanharãno muytos naires, q̃ ele cuydou q̃ era por bẽ: mas chegãdo á feitoria eles se poserãdo á porta, guardando q̃ não saisse ele nẽ outrem” (Castanheda, I.XXIII); “Faz represária nuns que às naus vieram”: Vasco da Gama procedeu aqui com “manha”. Não prendeu os que vinham à nau, de pouco preço; “ate q̃ ao domingo seguinte forã seys homes honrrados com dezanove que levavãdo cõsigo em hũa almadia. E parecendo a Vasco da Gama que por estes averia ho feitor & ho escrivãdo, fez neles represaria” (Castanheda, I.XXIII).
Ort.: *milbor* (por *melbor*); *represária* (por *represália*). Castanheda e Barros também escrevem “represária”.

10.6-8

“Volvem o cabrestante ...”: fazem rodar o cabrestante para arrancar

OS LUSÍADAS

a âncora do fundo e trazê-la para cima. O “trabalho” (faina) de içar a âncora foi repartido: “... uns puxam pela *amarra* [corrente de ferro ligada à âncora] / Outros *quebram* [vergam com o esforço] co peito duro a *barra* [peça de madeira que se mete na abertura do *chapéu* do cabrestante]”.

11.1-4

“Outros pendem da verga e já *desatam* / *A vela*, ...”: no alto, soltando as velas, os marinheiros parecem pender das vergas (onde as velas estavam enroladas) (BS, CM). *E já desatam a vela*, soltam-na, desfraldam-na; “... que com grita *se soltava*”: era desenrolada; “A pressa com que a armada *se levava*”: largava, se fazia à vela.

12.1-8

“Manda logo os feitores Lusitanos”: o Samorim liberta Diogo Dias e Álvaro de Braga para que o Gama “lhe torne a sua presa gente”, como diz o Poeta no v. 4; “... e, tornando / Alguns negros, se parte, as velas dando”: Vasco da Gama devolve alguns naturais da terra que tinha a bordo logo que lhe restituíram o feitor e o escrivão. A simulação da partida das naus não teve outro propósito. Azedadas as relações por causa das intrigas dos Mouros, “Vasco da gama que ja não se fiava del rey, não quis respõder a seus offrecimẽtos, & mandoulhe os seus Naires & os outros deixou, dizẽdo q̃ ficavão ate lhe trazerem a mercadoria que ficava em terra (Castanheda, I.XXIII.)

Ort.: *inigos* (por *inimigos*).

13-1-4

“Parte-se costa abaxo, ...”: Vasco da Gama desiste da mercadoria que eles dizem trazer nas almadias sob os alambéis. Pedem eles ao Gama “que mandasse ele também poer os Malabares q̃ tinha presos”. Deve entender-se que Vasco da Gama não restituiu toda a gente que tinha a bordo e a prova é que, segundo Castanheda, a resposta de Vasco da Gama foi esta: “E parecendolhe a ele [Capitão] que isto [a entrega das mercadorias] era engano disselhes q̃ se fossem, porq̃ não queria mercadoria se nã levar pera Portugal aqueles Malabares pera testemunhas de seu descobrimẽto.” (Castanheda, I.XXIV.) E, pensando que os que viessem depois tinham necessidade da amizade do Samorim, “hũa segunda feyra dez dias de Setẽbro que escreveo hũa carta em arabigo feyta por Bontaibo, em q̃ dizia que lhe

OS LUSÍADAS

perdoasse de lhe levar os Malabares, porque os não levava se não pera testemunhas do que tinha descuberto ...” (Castanheda, I.XXV.) Não pode haver dúvida a respeito das intenções de Vasco da Gama. No *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, p. 96, diz-se: “... e como não podíamos acabar de nos despedir da terra com paz e amigos da gente, houve por conselho o capitão-mor, com os outros capitães, de nos partirmos e levarmos aqueles homens que tínhamos, porque aqueles, tornando a Calecut, fariam fazer as amizades”. E Barros diz também: “... mas cõ tudo recolhidos todolos nossos, por causa d’algũa fazenda que lhe não quizeram entregar, Vasco da Gamma reteve certos Índios que trouxe consigo & assi o fiel Monçaide, partindo logo aquelle dia que erão vinte nove de Agosto, avendo setenta & quatro dias que chegara àquella cidade de Calecut.” (Barros, I.IV.X.)

13.5-8

“Mas como aquela terra, que *se estende / Pela Aurora, sabida já deixava*”: *se estende pela Aurora* é o mesmo que *se estende pelo Oriente. Sabida já deixava* quer dizer que *obtivera o conhecimento dela*; “Certos sinais levando ...”: levando sinais certos, seguros.

14.1-6

“Leva alguns Malabares, ...”: o Poeta supõe que o Gama reteve aqueles Malabares que o Samorim mandou com os feitores. Muita gente acompanhou os feitores portugueses às naus em sete almadias, “de q̃ nenhũa não ousou dêtrar nos navios” (Castanheda, I.XXIV); “Leva a pimenta ardente, ...”: é o *Piper nigrum*, L., diferente da que menciona em X.123, fruto do *Piper officinarum*, C. DC., do arquipélago Malaio (pimenta-longa). O *Piper nigrum* é um arbusto trepador, indígena do Malabar, cujo fruto se estende bastante pelas regiões orientais. Escreveu CF, *FL*, p. 67, que foi esta especiaria que os nossos procuraram com mais ardor. O seu estabelecimento nos mercados de Flandres e outros foi um grande êxito comercial; “A seca flor de Banda ...”: o Poeta chama impròpriamente “flor” (como Barros e Castanheda) à “arilha” que envolve a noz-moscada das ilhas de Banda; “A *noz* e o *negro cravo*, ...”: a *noz* é a “noz-moscada”, semente da *Myristica fragrans*, Houttuyn (v. X.133). O *negro cravo* é o “cravo-da-índia”, o botão do *Caryophyllus aromaticus*, L. (v. X.132). Ort.: *abaxo* (por *abaixo*).

OS LUSÍADAS

14.6-7

“... que *faz clara* / *A nova ilha Maluco ...*”: *faz clara*, torna célebre. *A nova ilha*: refere-se o Poeta ao recente conhecimento de Moluco. O arquipélago das Molucas foi descoberto em 1511 por uma pequena armada de três navios que, por mandado de Afonso de Albuquerque, partira de Goa sob o comando de António de Abreu e Francisco Serrão.

15.1-4

“Isto tudo lhe houvera a diligência / De Monçaide fiel, que também leva”: “terça-feira [28 de Agosto de 1498], estando nós pousados pela manhã, se veio meter connosco em os navios um mouro de Tunes ... dizendo-nos que lhe tomaram quanto tinha e que não sabia se lhe fariam mais mal; que estava nesta ventura! E que os da terra diziam que ele era cristão e que viera a Calecut por mandado de el-rei de Portugal; pelo qual ante[s] se queria vir com eles que estar em terra, onde esperava que cada dia o matassem” (DVVG, I, p. 95). Monçaide, a quem os Portugueses chamavam Bontaibo; “Quer no livro de Cristo que se escreva”: que seja inscrito no livro de Cristo, isto é, entre os seus fiéis.

16.1-8

“Apartadas assi da ardente costa / As venturosas naus, ...”: diz JMR em *BCL*, 13, p. 707: “Um dos quatro participios [desta estância] tem de equivaler a um verbo no modo indicativo, pois os factos de que se fala nesta estância não são circunstâncias do pensamento expresso na estância seguinte.”; “A meta *Austrina* da Esperança Boa”: perífrase para designar o cabo da Boa Esperança. *Austrina*, meridional. (Cf. X.92.5-6); “Outra vez *cometendo* os duros medos”: de novo *cometem* (afrontam) os duros perigos; “... *tímidos e ledos*”: *tímidos*, por irem afrontar os mares incertos; *ledos*, por regressarem “à pátria cara». A edição *princeps* tem “temidos”.

17.1-8

Note-se a proximidade de “cara” e “caros”; “... a *peregrina* e rara / Navegação, ...”: navegação que os levou (aos Portugueses) a terras e a mares longínquos. *Peregrina* é latinismo; “Que o coração para ele é *vaso estreito*”: é como se disséssemos em linguagem corrente “o coração saltava-lhes no peito”.

OS LUSÍADAS

18.1-8

“Porém a Deusa *Cípria*, ...”: é a primeira vez que o Poeta se lembra de dar a *Vénus* o cognome de *Cípria* (de Chipre, onde era venerada). Fáz-lo-á de novo neste canto em 43.5. E mais nenhuma vez; “... que ordenada / Era, pera favor dos Lusitanos / Do *Padre Eterno*, ...”: o *Padre Eterno* (*Júpiter*, certamente) ordenara a *Vénus* que favorecesse os Lusitanos e, “dada por bom génio”, *Ibes* andava já preparando “a glória alcançada por trabalhos” e a “satisfação de danos bem sofridos”.

19.3-4

“Os trabalhos pelo que *Deus nascido* / Nas Anfíonias Tebas se causaram”: considerando o plural *Thebae*, em latim, o Poeta não teve dúvida em escrever também “Tebas anfíonias”. *Anfíon*, filho de *Zeus* e de *Antíope*. Com seu irmão *Zeto* construiu Tebas. *Zeto* transportava as pedras às costas e *Anfíon* movia-as ao som da sua lira. O *Deus nascido* é *Baco*.

20.2-6

“Refocilar a lassa humanidade / Dos navegantes seus, ...”: restaurar, reconstituir a cansada natureza humana. Como escreveu Camilo: “no poema os cansados navegadores *refocilam-se* nos braços deleitosos das ninfas” (*Vingança*, cap. VI, p. 54); “Do trabalho que encurta a breve idade”: a vida, já de si curta, é ainda abreviada pelo trabalho; “... que conta desse / A seu filho, ...”: *Cupido*, deus do amor. *Potestade* (poder) pode não ser um latinismo criado por Camões.

Ort.: *decer* (por *descer*).

21.2-6

“... lá no meio / Das águas, algũa ínsula divina”: note-se que o Poeta localiza com extrema vaguidade a posição da ilha; “Da primeira co terreno seio”: este é certamente o verso mais discutido de *Os Lusíadas*. E já o era antes de 1613, embora MC não tenha aceitado a emenda já proposta: “Da [mãe] primeira co terreno seio”. Sem aquela sílaba o verso está errado e, além disso, não faz sentido algum: *ter muitas ilhas no reino que confina co terreno seio da primeira* não é nada. Não pode haver dúvidas de que o “terreno seio” é a “muyto grande enseada” (Castanheda, I.13) que rodeia o “golfão de 750 léguas” (Castanheda, id., *ibid.*, cit. por JMR) entre Melinde e Calecute, portanto no oceano Índico. Pensa JMR que as palavras

OS LUSÍADAS

que “foram substituídas no texto” deviam indicar essa curvatura: “De África e de Ásia co terreno seio.” “A mãe primeira” é a Terra. “Que confina da mãe primeira co terreno seio” quer dizer que confina com a grande enseada (o terreno seio) da Ásia e África.

21.7-8

“Afora as que possui soberanas / Pera dentro das portas
Herculanas”: afora as que possui no Mediterrâneo.

22.5-8

“Com danças e *coreias*”: com danças e danças em coro; “Influirá
secretas afeições / Pera com mais vontade trabalharem / De
contentar a quem se afeiçoarem”: afeições ... afeiçoarem. É o
objectivo de *Vénus*.

23.1-4

“Tal manha buscou já pera que aquele / Que de Anquises pariu, ...”:
Eneias, filho de *Vénus* e de *Anquises*, afeiçoar-se a *Dido*, rainha de
Cartago, por intermédio de *Cupido*, que, tomando a figura de *Ascânio*,
filho de *Eneias*, conseguiu que *Dido* se apaixonasse por *Eneias* (V, E,
I.657-688); “... bem recebido / Fosse no campo que a bovina pele /
Tomou de espaço, por sutil partido”: *Dido*, ao aportar à África,
conseguiu do rei *Iarbas* que lhe desse o terreno que pudesse ser
abrangido por um couro de boi. Claro que recortando o couro do
boi em tiras finíssimas pôde abranger um espaço muito maior. Foi o
“sutil partido”, visto que deu à sua proposta uma interpretação que
o rei não podia adivinhar (V, E, I.367-368).

Ort.: *sutil* (por *subtil*).

24.1-6

“No carro ajunta as aves que na vida / Vão da morte as exéquias
celebrando”: são os cisnes dos quais se diz que cantam muito mais
suavemente quando estão para morrer (Plínio, *NH*, X.63); “E
aquelas em que já foi convertida / *Perístera*, ...”: são as pombas.
Perístera era uma ninfa. *Eros* ficou irritado por aquela procurar a
vantagem de *Afrodite* quando se divertiam a apanhar flores, e
transformou a ninfa em pomba; “No ar lascivos beijos se vão
dando”: pintura digna de pincel de um mestre: em volta do carro de
Vénus, puxado pelos cisnes, adejam as pombas trocando lascivos
beijos.

OS LUSÍADAS

25.1-2

“Já sobre os *Idálios* montes *pende*”: *Idálio*, cidade da ilha de Chipre, célebre pelo culto de *Vénus*. *Pende*, desce; “Onde o filho frecheiro estava então”: *Cupido*, munido de carcás e flechas.

Ort.: *revelde* (por *rebelde*).

26.1

“Via *Actéon* na caça tão austero”: não tenho notícia de que *Actéon* fugisse “da gente e bela forma humana”; que fosse misógino e misógamo. Ovídio, que conta esta interessante história (III.138-252), mostra *Actéon* a divertir-se na caça com os companheiros, mas descansando quando surpreendeu *Diana* numa gruta, no banho:

*Ecce nepos Cadmi, dilata parte laborum,
Per nemus ignotum non certis passibus errans
Pervenit in lucum; sic illum lata ferebant.*

A deusa, em castigo, transformou *Actéon* em veado, que foi depois devorado pelos seus próprios cães. Foi FS quem trouxe a novidade da identificação de *Actéon* com D. Sebastião: “Sospêcho verdaderamente aver provado cõ novedad, que el Poeta derecha, aunque reboçadamete, habla en estas estâncias del Rey Don Sebastian ...” Por outro lado, mostra-se afrontado de uma tal censura sem que o Poeta tivesse sido castigado. “É que não o entenderam!”, remata ele. Pois grande castigo merecia por ter feito de *Actéon* um habitante da Ilha dos Amores, nada espantado da sombra dos seus cornos, entre aves e animais inofensivos:

*Da sombra dos seus cornos não se espanta
Acteon n' água cristalina e bela.*

O Doutor Aguiar e Silva, na sua lição sobre “Função e significado do episódio da ‘Ilha dos Amores’ na estrutura de *Os Lusíadas*” (1972), supõe que “*Actéon* aparece à cabeça dos desconcertos do mundo porque ele é réu, efectivamente, do primeiro e fundamental pecado contra o amor: a repulsa do próprio amor, corporizada na repulsa da mulher, donde procede a derrogação do “princípio íntimo de uma conexão universal e dinâmica do mundo”. *Actéon* é a negação da universalidade do amor, e por isso tem de ser punido”. Tudo isto estaria muito certo se não se desse uma circunstância em

OS LUSÍADAS

que há que atentar: na chamada “Égloga dos *Faunos*” (“As doces cantilenas que cantavam”), a p. 378 da minha nova edição das *Rimas*, fala o Poeta de *Actéon* em *três* oitavas. Mas devia ter falado em *cinco* oitavas (o que denota uma grande preocupação com o filho de *Apolo*). E como se pode afirmar isto com certeza? É que depois da primeira oitava, em que se trata de *Actéon*, vem esta advertência: “(Daqui se tiraram duas oitavas)”. E, voltando a falar de *Actéon*, diz o Poeta:

*Tudo isto Actéon viu na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo viu*

.....

As oitavas que se tiraram respeitavam, portanto, ao banho de *Diana*. Em que termos o fazia o Poeta, não se pode saber, mas houve um censor (o organizador da edição de 1595) que entendeu não as publicar. (V. neste sentido Doutor Costa Ramalho, *O mito de Actéon em Camões*, p. 59. Coimbra, 1968.) E, continuando a ler a oitava de que demos os dois versos, deparamos com mais estes dois:

*Mas, como o triste amante em si notara
A desusada forma, se partiu.*

O *triste amante!* Pela primeira vez se nota que *Actéon* foi capaz de se interessar por uma “bela forma humana”, como se supõe que seria a de *Diana*.

No estudo de Aguiar e Silva pode o leitor ver um resumo das opiniões sobre a localização da “Ilha dos Amores” e das possíveis fontes da criação camoniana até à mais recente, a do Sr. Doutor Costa Ramalho, no estudo ainda agora citado. Admitamos, no entanto, que D. Sebastião estava a necessitar de uma frechada de *Cupido*, bem como todos aqueles validos e privados, muito carecidos de amor do próximo (est. 27 e 28).

Na edição *princeps* o Poeta escreveu no 6.º verso *mostra-lhe* (por *mostrar-lhe*) que JMR, fiel à sua teoria dos casos de fonética sintáctica, manda ler *mostrá-lhe*.

Ort.: *fermosura* (por *formosura*).

OS LUSÍADAS

27.4-8

“... e a quem Filáucia ensina”: presunção arrogante; “... que mal consente / Mondar-se o novo trigo florecente”: separar facilmente o trigo do joio.

Ort.: *púbrico* (por *público*); *florecente* (por *florescente*).

28.6-8

“... e *vã* severidade”: falsa; “As em favor do povo só perecem”: só (as leis) em favor do povo perecem.

29.2

“Senão o que sòmente o mal deseja”: o que deseja o que não deve. *Cupido* vai reconstituir a sociedade sob a lei do amor. Para isso reúne os seus *ministros* (servidores), que vão formar um exército contra “a mal regida gente”.

30.1-8

“Muitos destes *mininos voadores*”: os *Amores*, *ministros* de *Cupido*; “Uns amolando ferros passadores”: amolando flechas (ferros que atravessam); “Trabalhando, ...”: enquanto trabalham; “Suave a letra, angélica a soada”: toada de anjos. Sobre possíveis sugestões de outros poetas, v. FS.

32.3-7

“*Crebros* suspiros ...”: frequentes. É latinismo; “... cuja ajuda”: a das *Ninfas*; “... dá vida aos mal feridos”: aos muito feridos.

33.1-4

“Fermosas são algũas e outras feias”: claro que se refere às *Ninfas*. Na estância antecedente falava de “fermosas *Ninfas*”; agora diz que “Fermosas são algũas e outras feias”. Podem estas curar feridas? Parece que sim, visto que “às vezes ásperas triagas” curam “o veneno espalhado pelas veias”. Estes quatro versos não me parecem um modelo de clareza.

Ort.: *sutis* (por *subtis*).

34.1-8

“Destes tiros assi desordenados / Que estes moços mal destros vão tirando”: não se vê a ordem que *Cupido* vinha impor ao mundo rebelde. Que “nasçam amores mil desconcertados entre o povo

OS LUSÍADAS

ferido miserando” não se poderá negar. Mas daqui ao “amor nefando” vai uma certa distância, e deste “amor nefando” vai o Poeta dar quatro exemplos: *Bíbli* (por *Bíblis*) apaixonou-se por seu irmão *Cauno* (v. Ov., *M*, IX.418-665): v. 467: “Byblida iam mavolt quam se nocet ille sororem”; *Cinereia* é *Mirra* (por ser filha de *Ciniras*). Apaixonou-se por seu pai (v. Ov., *M*, X.298-519); *Antíoco* (o mancebo de “Síria”, e não de “Assíria”), filho do rei *Seleuco*, apaixonou-se pela madrasta, *Estratonice* (ED cita como fonte Val. Máx., V.7). Camões escreveu o *Auto del-Rei Seleuco*; *Amnon* (um mancebo de Judeia), filho de David, teve amores com sua irmã Tâmar (MC chama-lhe meia-irmã) (v. *Reis*, II.13).

35.1-8

“E vós, ó poderosos, por pastoras”: a conclusão a tirar desta estância é que o amor não conhece distâncias sociais e que o exército de *Cupido* vai ter muito que fazer para endireitar o mundo; “Também vos tomam nas *Vulcâneas redes*”: são as redes em que *Vulcano* envolveu *Marte* e sua mulher, *Vênus*, culpada de adultério, para que todos os deuses pudessem ser testemunhas do espectáculo (Ov., *M*, IV.167-189); “É mais culpa a da mãe que a do minino”: é mais culpa de *Vênus* que de *Cupido*.

36.1-5

“Mas já no verde prado o carro leve”: deve ligar-se esta estância com a est. 25. Sobre *Dione*, v. II.21.2; “O frecheiro que contra o Céu se atreve”: *Cupido*, que dispara as suas setas mesmo contra os deuses e deusas do Olimpo.

Ort.: *decia* (por *descia*).

37.3-8

“Tu, que as armas Tifeias tens em nada”: os seis últimos versos desta estância têm por fonte evidente Virgílio:

*Nate, meae vires, mea magna potentia, solus,
nate, patris summi qui tela Typhoea tenis,
ad te confugio et supplex tua numina posco.*

(*En.*, I.664-666)

OS LUSÍADAS

Tifeu foi um dos *Gigantes* sepultados sob o Etna. *Júpiter* fulminou-o com os raios (“armas *Tifeias*”).

38.3-4

“Porque das *Parcas* sei, minhas amigas”: v. I.34.2 e I.33.1-4. A edição *princeps* tem *han-de* (por *ham-de=hão-de*).

39.5-8

“No mesmo mar, que sempre temeroso / Lhe foi, ...”: não há indício de que o Poeta se refira apenas ao oceano Índico, mas tudo leva a crer que a criação da Ilha dos Amores teve por quadro as vagas “undosas” daquele oceano; “Do trabalho que faz *clara* a memória”: que torna ilustre a memória.

40.1-8

“... feridas / *As filhas de Nereu no ponto fundo*”: as *filhas de Nereu*, as *Nereidas*. No *ponto fundo*, no mar profundo. (*Ponto* é latinismo); “Que vêm de descobrir o novo mundo”: que voltam de descobrir; “Todas nãa ilha juntas e *subidas*”: reunidas e vindas do ponto fundo”; “De dões de *Flora* e *Zéfiro* adornadas”: *Flora*, a deusa da vegetação, e *Zéfiro*, vento de oeste que sopra suavemente.

41.4

“Fermosos leitos, e elas mais fermosas”: *Vénus* não esquece os leitos em que ninfas e nautas se encontrarão.

Ort.: *fermosos, fermosas* (por *formosos, formosas*); *lbe* (por *lbes*).

42.1-8

“Quero que haja no reino Neptunino / Onde eu nasci, progénie forte e bela”: estes dois versos parecem-me fundamentais para a compreensão das intenções de *Vénus*; “E tome exemplo o mundo vil, malino / Que contra tua potência se rebela”: *Vénus* dirige-se a seu filho *Cupido* e diz-lhe que desde agora vai o mundo saber que é em vão que se rebela contra a força do amor; “Por que entendam *que muro Adamantino*”: que nem muro de diamante; “Se teu fogo imortal nas águas arde”: a prova final e decisiva é fazer arder o fogo do amor nas águas do mar.

Ort.: *malino* (por *maligno*); a edição *princeps* tem *revela* (por *rebela*).

Aquela forma estaria mais de acordo com *revelde*, mas prestar-se-ia a

OS LUSÍADAS

confusão semântica. Além de que o Poeta também escreve *rebelado* (VII.4.3) e *rebelde*.

43.1-8

“Assi Vénus propôs; e o filho *inico*: hostil aos homens; “Com gesto ledado a *Cípria*, e *impudico*”: *Cípria*, a *Vénus* honrada na ilha de Chipre. Gesto *impudico*, ar impudente; “... às aves cujo canto / A Faetonteia morte chorou tanto”: *Cicno*, rei da Ligúria, filho de *Esténelo*, sentiu tanto a queda de Fáeton que os deuses, por compaixão, transformaram-no em cisne (Ov., *M*, II.368-580).

44.1-6

“Mas diz Cupido que era necessária / Ûa famosa e célebre *terceira*”: *terceira*, medianeira; “A *Deusa Giganteia* ...” a irmã dos *Gigantes*, a *Fama*, descrita por Virgílio na *Eneida*, IV.174-188; “Jactante, ...”: jactante ou jactanciosa, blasonadora.

45.2-8

“... com tuba clara”: com tuba ressoante; “Mais do que nunca os d’outrem celebrara”: melhor do que já celebrara algum dia os louvores de outrem; “Já, *murmurando*, a Fama *penetrante*”: sussurrando, a Fama, que penetra; “Fala verdade, havida por verdade, / Que junto a Deusa traz Credulidade”: v. em Ovídio a descrição do Palácio da Fama (IV.39-63). São desse texto os seguintes versos:

Illic Credulitas, illic temerarius Error
Vanaque Laetitia est consternatique Timores
Seditioque recens dubioque auctore Susurri.

“Aí habitam a Credulidade, o Erro temerário, a Falsa Alegria, o Terror de ar consternado, a Sedição pronta a desencadear-se, os cochichos de origem duvidosa”; “Que junto a Deusa ...”: porque junto a Deusa ...

46.1-6

“O louvor grande, o rumor excelente”: verso acentuado na 4.^a, 7.^a e 10.^a sílabas; “Mudando...”: operando mudança (no coração dos deuses); “O peito feminil, que levemente / Muda quaisquer propósitos tomados”: v. *En.*, 569-570: “*Varium et mutabile semper / femina*”. “*Souvent femme varie / Bien fol qui s’y fie*” (V. Hugo,

OS LUSÍADAS

Le Roi s' amuse, acto IV, c. 2). O mesmo pensamento do Classicismo ao Romantismo. MC já incluiu no seu comentário o verso de Virgílio e juntou-lhe esta versão: “A molher he hum animal vario, & que nunca está em hum ser.”

Ort.: *indinados* (por *indignados*).

47.5-7

“... lançam das secretas / Entranhas ...”: das íntimas entranhas; “Cai qualquer, ...”: cai uma e outra. *Cai* deve ler-se como um dissílabo para que a medida do verso se mantenha.

48.1-6

“Os cornos ajuntou da ebúrnea Lũa”: juntou as pontas do arco de marfim. É o “arco ebúrneo” da est. 43. Em II.93.7-8 há um verso semelhante. Ovídio usou o verbo *lumare* para designar o acto de vergar o arco. O facto de “Lũa” estar em posição de rima esclarece à evidência a necessidade de escrever “nenhũa” e “algũa”; “Que *Tétis* ...”: porque *Tétis*; “Nem nos *equóreos campos* ...”: *equóreo* é o *aequoreus* latino (marinho, marítimo). *Equóreos campos*, superfície marinha.

49-1-8

“... *cerúleas* ondas”: v. I.16.5; “Que, vedes, *Vénus* traz a medicina”: *Vénus* traz o remédio para as ninfas desfalecidas de amor. E como? A resposta vem nos vv. 3 e 4; “... a água Neptunina”: é o mar, senhorio de *Neptuno*; “É forçado que a pudicícia honesta / Faça quanto lhe *Vénus* amoesta”: como “el ofício de Venus en la fabula es quitar a las Virgenes la cinta de la pureza” (FS), é preciso que o pudor feminino (“a pudicícia honesta”) se submeta a todas as advertências de *Vénus*, que tem a experiência. Só assim conquistarão o amor dos Portugueses. O v. 7 é acentuado na 3.^a, 8.^a e 10.^a sílabas. Ort.: *amoesta* (por *admoesta*).

50.1-8

“Já todo o belo coró se aparelha / Das *Nereidas*, ...”: já todo o belo coró das *Nereidas* se aparelha; “Em *coreias* gentis, ...”: v. IX.22.5; “Ali a fermosa Deusa *Ibe* aconselha / O que ela fez mil vezes”: as *Ninjas* “oferecem-se” a todos os conselhos de *Vénus*, como adiante se vê.

Ibe por *Ibes*.

Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

OS LUSÍADAS

51.1-8

“Cortando vão as naus a larga via / Do mar *ingente* ...”: as naus vão abrindo os largos caminhos do mar imenso. *Ingente* é latinismo; “Desejando prover-se de água fria”: os nautas necessitavam de ir fazer aguada (prover-se de água doce) a algures; “Quando, juntas ... / Houveram vista da Ilha namorada”: todas as naus avistaram a “Ilha Namorada” com grande alegria; “Rompendo pelo céu a mãe fermosa / de Menónio, ...”: ao romper da manhã; “a mãe de *Menónio* [*Mémnon*]” é a Aurora. Em X.143,4 o Poeta fala da “Ilha alegre e namorada”.

Ort.: *fermosa* (por *formosa*).

52.1-2

“De longe a Ilha viram ... / Que Vénus pelas ondas lha levava”: os que preconizam a identificação da “Ilha de Vénus” com qualquer ilha do Índico ou do Atlântico parece não terem reparado que se trata de uma ilha errática, levada ao sabor das águas, para se tornar “firme ... e imóvel” quando os nautas a avistaram. A Acidália (v. VIII.64.7) foi movendo a ilha “para onde as naus navegam”, a fim de que nela não passassem sem tomar porto. Além disso, era, evidentemente, desabitada, a não ser pelas *Nereidas*. Rica dos “dões” de *Pomona* e de *Flora*, não há nela vestígios de seres humanos. Convivem as aves e os bichos com animais de maior porte, como a gazela. Nem de outro modo poderia *Vénus* “licenciar as Ninfas” (a expressão é de FS) para o enamoramento que vai seguir-se sob a orientação da “Deusa experta”.

53.3-8

“Qual ficou Delos, tanto que pariu / Latona Febo e a Deusa à caça usada”: Delos, segundo a lenda, uma ilha errante, tornou-se firme quando nela *Latona* deu à luz *Apolo* (*Febo*) e *Diana* (“a Deusa à caça usada”). *Immotamque colli dedit*, como diz Virgílio na *Eneida*, III.77. Segundo ED, também Ovídio se refere à lenda (*M*, VI.186-191 e VI-332-334). “Pera lá logo a proa o mar abriu”: as proas; “... cuja branca areia / Pintou de ruivas conchas Citereia”: matizou, marchetou (Morais). De Citereia falou-se em I.34-1-3.

54.1

“Três fermosos outeiros se mostravam”: o Poeta começa a descrição da Ilha dos Amores, adornando-a sobretudo com espécies vegetais. Ora concluiu o conde de Ficalho: “Em resumo, das vinte e quatro

OS LUSÍADAS

plantas de que, na descrição de Camões, se compõe a flora da ilha, não há *uma* que não seja espontânea em Portugal e regiões vizinhas, ou aí introduzida e cultivada já antes do seu tempo. Ainda mais, são todas escolhidas entre as vulgares, e que dão cunho à vegetação mediterrânica.” (FL, p. 43.) E na p. 44 esta observação definitiva: “Os materiais botânicos, com que Camões edifica a vegetação da sua ilha, são essencialmente portugueses; encontrou-os, quando estudante, nas hortas das margens do Mondego; observou-os, quando desterrado, nas lezírias do Tejo; porventura lhos depararam, fora da Pátria, os jardins de algum fértil vale dos arredores de Ceuta ou de Tetuão.” Destas palavras se colhe o espírito com que apreciamos a descrição da Ilha, ainda que AFGV, FH, p. 7, tenha formulado algumas dúvidas à opinião de CF.

54.3-8

“Que de gramíneo esmalte se adornavam”: do matiz da grama; “Por entre pedras alvas *se deriva* / A sonora linfa fugitiva”: *se deriva*, é trazida (Morais) a água rumorosa que foge.

55.3-8

“Onde ùa mesa fazem ...”: uma lagoa; “Como que pronto está pera afeitar-se”: como se estivesse pronto para enfeitar-se; “Vendo-se no cristal resplandecente”: da lagoa; “Que em si o está pintando pròpriamente”: que em si está reflectindo o arvoredo fielmente.

56.1-6

“Míl árvores estão ao céu subindo, / Com pomos odoríferos e belos”: o Poeta dá na mesma estância exemplos de pomos: a laranja, a cidra, os limões; na est. 59.7 recorda outro pomo – o pêssego; “A cor que tinha *Dafne* nos cabelos”: eram louros como os frutos da laranjeira. Sobre a metamorfose de *Dafne* em loureiro, v. Ov., M, I.452-567; “A cidreira cos pesos amarelos”: a cidreira está tão carregada que o Poeta, em vez de “pomos”, lhe chama “pesos”. Ort.: *fruito* (por *fruto*). É a única vez que a palavra aparece sob esta forma; *fermosos* (por *formosos*).

57.3

“Álemos são de *Alcides*, ...”: sobre a flora conhecida de Camões influía a cultura clássica e mitológica. Segundo os Antigos, o álamo era consagrado a *Hércules* (V, B, VII.61-62):

OS LUSÍADAS

*Populus Alcidae gratissima, vitis Baccho,
Formosae myrtus Veneri, sua laurea Phoebus.*

57.3-6

“... e os loureiros / Do louro Deus amados e queridos”: v. o 2.º verso citado. O “louro Deus” é *Febo* ou *Apolo*. O Poeta admite conexão etimológica entre *louro* e *loureiro* (v. ED); “Mirtos de Citeréia, ...”: referido no 2.º verso de cima; “... cos pinheiros / De Cibele, por outro amor vencidos”: *Átis*, formoso pastor, não soube corresponder à paixão casta que lhe consagrava *Cibele*, e esta, reconhecendo a sua infidelidade, metamorfoseou-o em pinheiro. Camões tem um soneto que começa:

*Depois que viu Cibele o corpo humano
do formoso Átis seu verde pinheiro*

(*Rimas*, mihi, P. 192)

57.7-8

“Está apontando o agudo cipariso”: o cipreste. O belo e jovem *Cipariso*, habitante de Ceos, ilha do mar Egeu, matou por inadvertência um grande veado consagrado às ninfas da terra. Pedindo aos deuses para derramar lágrimas eternas, foi-se a pouco e pouco transformando numa árvore, que veio a ser o cipreste, símbolo da tristeza. Ovídio conta a história em *M*, X.106-142.

58.1

“Os dões que dá *Pomona* ali Natura / Produze, ...”: *Pomona*, a deusa da fruta. Ovídio conta a sua história em *M*, XIV.626-627 e segs.:

*Pomona ... non silvas illa nec amnes,
Rus amat et ramos leticia poma ferentes.*

58.5-6

“As cereijas, *purpúreas na pintura*”: esclarlates na cor; “As amoras, que o nome têm de amores”: diz ED que, “‘amora’, que se prende etimologicamente ao latim *morum*, nada tem com a palavra ‘amor’; mas esta ideia foi sugerida ao Poeta pela história de *Píramo* e *Tisbe*, contada por Ovídio (*M*, IV.55-166)”; e manda ver a égloga de Camões *As doces cantilenas que cantavam*. Nesta égloga, Camões associa

OS LUSÍADAS

por forma bem explícita as “amoras” aos “amores” pela cor do sangue:

*Vereis também, se fordes atembradas,
Como a cor das amoras é de amores;
o sangue dos amantes na verdura
Testemunha de Tisbe a sepultura.*

(ed. 1598)

58.7

“O pomo que da Pátria Pérsia veio”: o pêssego (*Persicum malum*).

Ort.: *dões* (por *dons*); *produze* (por *produz*); *cerejas* (por *cerejas*); *milbor e milbores* (por *melhor e melhores*).

59.1-4

“Abre a romã, mostrando a rubicunda / Cor, ...”: mostrando a sua cor vermelha (em latim, *rubicundus*); “Entre os braços do ulmeiro está a jocunda / Vide, cuns cachos roxos e outros verdes”: v. estes sete versos da décima seguinte, de Sá de Miranda:

*Direis dos vinbos azedos
O que já disse Cineas
A quem, nos convites dado
A provar, se lhe aprouesse,
Depois, nos olmos mostrando,
Nunca vi (*disse*) enforcado
Que a força assi merecesse.*

(Da «Carta a António Pereira»)

Camões também conheceu o *vinbo de enforcado* e confirma-o na égloga *As doces cantilenas que cantavam*:

*Não estão carregados
os ulmeiros das vides retorcidas,
onde o cacho enforcado amadurece?*

Jocundo (agradável) é latinismo.

OS LUSÍADAS

59.5-8

“E vós, ... / *Peras piramidais,...*”: *peras piramidais* serão umas pêras de feitio cónico, as mesmas que seriam conhecidas no século XVI por “reais” ou “régias” (v. AFGV, FC, VII); o sentido destes versos seria este: “vós estais maduras, ó peras piramidais; se não caís (se quereis viver na árvore), sereis condenadas a ser comidas pelos pássaros”. Esta interpretação parece-me suficiente, mas o passo tem parecido tão difícil de interpretar que vale a pena dar uma explicação que tem o consenso de várias pessoas: “Certas peras grandes – as piramidais de Camões – não logram a maturidade nos ramos, porque, antes disso, de pesadas, se desprendem dos talos: subsistem, entretanto, aquelas que, bicadas dos pássaros, ‘dessoram’ e, aliviadas desse excesso de peso, conseguem amadurar no pé” (DL); “... pássaros *inicos*”: pássaros injustos e nocivos, porque fazem “dano”. Ort.: *inico* (por *iníquo*).

60.3-8

“Faz ser a de *Aqueménia* menos dina”: *Aqueménia* vem de Aquémenes, fundador da dinastia persa dos Aqueménidas. Os tapetes persas tornaram-se afamados em todo o Mundo; “Ali a cabeça a flor Cifisia inclina”: Cefísio, rio que nasce na Fócida, no monte Parnaso, e vai desaguar no lago Copais, fez violência a Liríope, rio da Beócia. Deste par nasceu *Narciso*, que se apaixonou de si mesmo e morreu; “Florece o filho e neto de Ciniras, / Por quem tu, Deusa Páfia, inda suspiras”: *Ciniras*, tendo cometido incesto involuntário, com *Esmirna* (ou *Mirra*), sua filha, gerou com ela *Adónis* (filho e neto). Estes versos indicam que o Poeta seguiu o relato de Ovídio (M, X.519-739). *Adónis*, tendo ferido mal um javali, foi perseguido por este, que o deixou moribundo, estendido no solo. *Vénus*, que acabara de o deixar, volta, derrama sobre o sangue do jovem um néctar balsâmico e, no espaço de uma hora, desse sangue nasce uma flor, da mesma cor, semelhante à da romeira, mas tão frágil que cai daí a pouco tempo, desprendida por aquele que lhe dá o nome, o vento. Trata-se, pois, da anémone, cujo nome em grego está em relação com o do vento (*άνεμος*).

No estudo sobre “O ‘adónis’ de Camões”, publicado no t. XI da RUC, pp. 1009 a 1019, AFGV afirma que “Ovídio canta ... um ‘adónis’ vermelho como o sangue ou a romã, ao passo que Camões se refere a um de flor branca ou pelo menos clara, e onde alguma coisa existe que a sua imaginação assemelha às feridas feitas pelo

OS LUSÍADAS

javali”. Infelizmente, a Sr.^a Dr.^a Augusta Gersão Ventura assenta essa distinção numa Elegia VI de Camões, que leu nas *Obras* de Camões da edição de Hamburgo (1834), t. III, p. 178. Esta Elegia, com o n.º VI, também se pode ler nas *Rimas Várias* de Camões, t. IV, p. II, comentadas por Faria e Sousa, a pp. 41 e segs. Nem JMR-ALV, nem o autor deste comentário a inserimos na obra lírica de Camões. E a razão disso encontra-se em FS, logo após os quatro primeiros tercetos da elegia: “Las cinco Elegias antecedentes andan en las Ediciones de la Parte I destas *Rimas*; y en la segunda, la que aqui es undecima. Todas las otras (que son esta, y las 7.8.9.10.12) he yo hallado en diferentes manuscritos. Aquel, en que estava esta Elegia 6 y la 7, se descubrió en Escalona [Escalona é uma terra banhada pelas águas do rio Alberche, a sudoeste de Madrid]. Contenía primeiro un Sermon Portugues: luego la descripción que el Doctor Juan de Barros hizo de la Comarca de Entre Duero y Miño: y despues varias Poesias las más dellas malas, y algunas en Castellano. Todo escrito de una misma letra; y alfin de la descripción esto: *Acabouse de trasladar a 29. de Julho de 1593; em Evora por Francisco Alvares, de alcunha o Socio, por huma copia de Manoel Godinbo, que diz a tirou do proprio Original anno 1562. Se aqui ouver erros, eu o trasladei assi como estava, porque o Godinbo não sabia Latim.*” Não há, pois, nenhuma certeza de se tratar de uma elegia camoniana e teremos de aguardar nova demonstração de que o “adónis” de Camões não é o ovidiano.

61

“Pintando estava ali *Zéfiro e Flora* / As violas da cor dos amadores”: sobre *Zéfiro e Flora*, v. IX.40.8. Na apreciação deste intrincado problema, em que têm a palavra os técnicos, esqueceu-se um testemunho de Camões, que me parece decisivo. A estrofe pertence à Égloga I:

*As Tágides no rio e na aspereza
do monte as Oreadas, conbecendo
quem te obrigou ao duro e fero Marte,
como geral sentença vão dizendo
que não pode no mundo haver tristeza
em cuja causa Amor não tenha parte.
Porque assi, desta arte,
nos olhos saüdosos,
nos passos vagarosos,
no rosto, que o Amor e a fantasia*

OS LUSÍADAS

*da pálida viola lhe tingia,
a todos de si dava sinal certo
do fogo que trazia
que nunca soube Amor ser incoberto.*

(*Rimas*, mihi, p. 312)

Não há, pois, dúvida de que o Poeta se refere a uma flor “pálida”. Vejamos alguns empregos de “pálido” e de “amarelo” em Camões: é “pálida” a cor e o “gesto” amortecido “dos combatentes, feridos e mortos na Batalha de Ourique” (III.52.3); é “pálida” a doença de D. Afonso Henriques quando ela lhe toca com “fria mão” (III.83.5-6); é “pálida” a cor de Inês, “morta”, “secas do rosto e as rosas” e perdida “a branca e viva cor” (III.134.6-8); é, enfim, “pálida” e “terrena” a cor do rosto do Adamastor (V.39.6). Façamos idêntico inventário para “amarelo”. Torna-se “amarelo” o mar Roxo, de enfiado (II.49.2); são “amarelos” os dentes do Adamastor (V.39.8); são “amarelos” os pomos da cidreira (IX.56.6); torna a ficar “amarelo” o mar Roxo com medo (X.62.8). Em II.49 e em X.62 há um jogo de palavras ou trocadilho: em vez de Roxo o mar, torna-se o mar Amarelo (penso ser esta a interpretação). Pelo que respeita ao Adamastor, o Poeta faz distinção entre o rosto, que é “pálido” e os dentes, que são “amarelos”. A cidreira dá um exemplo claro da distinção entre o “amarelo” e o “pálido”. A morte e a doença são “pálidos”. O “amarelo” tem em Camões uma significação bem distinta como se vê na *Lírica* numas trovas “a ã Senhora a quem deram um pedaço de cetim *amarelo*”. O “pálido” também não é precisamente o “branco”, porque Inês de Castro tinha perdido com a morte a “branca e viva cor”. “Palidez” e “palor” significam a cor desmaiada, simplesmente. Por outro lado, quer-me parecer que tudo o que seja comparar a “viola” à “palidez dos amantes” se baseia no v. 14 da Ode III.10 de Horácio: “tinctus viola pallor amantium”. Resta saber o que Horácio entendia por “viola”: um tradutor do meu *Horácio* chama-lhe “goivo”. Seria, pois, o “goivo” a flor da Ilha dos Amores, mas não o amarelo (se os historiadores da Botânica dão licença a um intruso...).

Ort.: *reluzę* (por *reluz*).

62.1-4

“A *cândida cevém* ...”: agora é que temos (mercê do latim *candidus*, *a*, *um*) a brancura viva, brilhante, como é realmente a das açucenas,

OS LUSÍADAS

nome que sucedeu à cecém, um e outro de proveniência árabe – é o *Lilium candidum*, L. (v. CF, FL, pp. 42-43); “... a manjerona”: planta aromática, da família das Labiadas. Segundo CF, FL, é a *Origanum majorane*, L. (p. 43); “Vêm-se as letras nas flores Hiacintinas, / Tão queridas do filho de *Latona*”: o filho de *Latona* (Apolo) apaixonou-se por *Jacinto*, um jovem espartano jogavam o disco, quando *Apolo*, lançando-o com força e destreza, fez ressaltar o disco no preciso momento em que *Jacinto* corria a apanhá-lo. O amigo de *Apolo*, gravemente ferido, morreu. Do sangue vertido surge uma flor, mais brilhante “do que a púrpura de Tiro”, e *Apolo*, desejando que a flor recorde os gemidos de *Jacinto*, inscreve sobre as pétalas as letras “AI AI” (Ov., M, X.162-219). CF, FL, supõe tratar-se do *Gladiolus segetum*, Gawl – opinião que AFGV, FH, contraria, afirmando que as “flores Hiacintias” são as “esporas” (*Delphinium ajacis*).
Ort.: a edição *princeps* tem *manjarona* e no 3.º verso lê-se *Ven-se*.

62.5-6

“Bem se enxerga nos pomos e boninas / Que competia *Clóris* com *Pomona*”: *Clóris*, esposa de *Zéfiro* e deusa das flores. Competiam os frutos com as flores. *Clóris* é *Flora*. Ovídio ligou ao nome de *Flora* um mito helénico. Supôs que *Flora* era na realidade uma ninfa grega chamada *Clóris* (*Grimal*) (v. Ov., *Fast.*, V. 20 e segs.). Termina aqui a descrição da flora da Ilha. A transição faz-se por intermédio da partícula “Pois” (FS e ED).

63.2-4

“Responde-lhe do ramo *filomela*”: *Filomela*, filha de *Pandion*, rei de Atenas. Foi metamorfoseada em rouxinol depois de ter sido violentada por seu cunhado *Tereu* (v. Ov., M., VI.412-674); “Acteon n’ água cristalina e bela”: o Poeta substituiu o veado pelo nome do caçador que em veado foi convertido por *Diana*.
Ort.: na edição *princeps* está *a longo da água*, mas em II.63, IX.63, IX.67 e X.140, *ao longo da água; fugace* (por *fugaz*).

64.2-7

“... os segundos Argonautas”: os primeiros foram os que foram conquistar o velo de ouro, os *Míniás*; “... se fingiam” do *se*, dativo de proveito, veio o *se* expletivo. JMR, EN, aduz exemplos.
Ort.: *frautas* (por *flautas*).

OS LUSÍADAS

65.1-7

“... a mestra experta”: *Vénus* experiente na arte de seduzir; “Posta a artificiosa formosura”: algumas puseram de parte a artificiosa formosura, isto é, os vestidos.

66.8

“Qual ferida lha tinha já *Ericina*”: sobre a *Ericina*, v. II.18.5. Esta tinha “ferido” a caça; por isso esta se apresentava “suave, doméstica e benina”.

Ort.: *benina* (por *benigna*).

67.5-7

“Outros, nas sombras, que de as altas sestras / Defendem a verdura, ...”: outros passeavam nas sombras que defendem a verdura dos grandes calores da tarde (*sesta*, da hora sexta dos Latinos, ou seja, do meio-dia em diante).

68.3-5

“Cores *de quem* a vista julga e sente”: *de quem*, acerca das quais; “... e seda diferente”: e sedas variegadas.

Ort.: *fermosas* (por *formosas*).

69.1-8

“Dá Veloso, espantado, um grande grito”: Veloso, o homem de armas já nosso conhecido (v. V.30 e segs.); “A Deusas é sagrada esta floresta”: as ninfas da floresta eram as *Hamadriadas*, e as das árvores, as *Driadas*; “... aos homens *imprudentes*”: aos homens ignorantes (Morais).

70.3-8

“... veloces mais que *gamos*”: *gamo*, mamífero ruminante, semelhante ao veado, com a parte superior dos galhos achatada e a cauda comprida; “... pelas ribeiras”: pela borda das praias (v. 1.87, IV.62, VII.52, etc.); “... mais *industriosas* que ligeiras”: correndo com indústria, com habilidade; “... dos *galgos* alcançando”: dos nautas, evidentemente.

Ort.: *veloces* (por *velozes*).

71.1-7

“... o vento *leva*”: levanta; “Acende-se o desejo, que se ceva / Nos

OS LUSÍADAS

alvas carnes, ...”: o desejo sacia-se nas belas formas humanas; “Ûa de *indústria* cai, e já *releva*”: de caso pensado, advertidamente. *Releva*, desculpa; “Que sobre ela, *empecendo*, ...”: tropeçando.
Ort.: na edição *princeps* escreveu-se *massio*, correspondente à pronúncia do tempo; *indinadas* (por *indignadas*).

73.1-8

“... acudindo mais depressa / À vergonha da Deusa caçadora”: nova recordação de *Actéon*. Uma das *Ninfas* envergonhou-se mais depressa do que *Diana*, “escondendo o corpo n’ água”. *Diana* não escondeu o corpo na água, mas foi rodeada logo pelas *Ninfas*; “... (que, co a mora / De se despir, ...)”: com a demora; “A matar ... o fogo”: a apagá-lo.

74.1-8

“... sagaz e *ardido*”: corajoso; “Vendo [ò] rosto o férreo cano erguido”: procurei resolver assim o problema suscitado por este verso. A edição *princeps* tem “vendo rosto”. JMR, em *BCL*, 13, pp. 690 e 691, e em *LP*, II, p. 170, sugere, como habitualmente, “Vendò”; “Pera a *garvenha* ...”: espécie de garça pequena; “Remete à que não era irmã de *Febo*”: a irmã (gémea) de *Febo* (*Apolo*) era *Ártemis* (ou *Diana*), filhos de *Leto* e de *Zeus* (*Júpiter*).

75-1-5

“Leonardo, soldado bem disposto”: já o conhecemos do Canto VI, quando queria ouvir histórias de amores (v. V.40); “*Manboso*, ...”: de boas partes, habilidoso; “A quem Amor não dera um só desgosto”: não dera só um desgosto, mas muitos; “Mas sempre fora dele pois sempre ...”; “... firme pros[s]uposto”: firme prevenção.
Ort.: *Lionardo*, na edição *princeps*.

76.1-2

“Quis aqui sua *ventura* que *corria*”: sua má ventura. “Que *corria*”, hoje “que *corresse*”; “Após *Efíre* ...”: *Éfíre*, ninfa, filha do *Oceano* e de *Tétis*.
Ort.: *fermosura* (por *formosura*); *indina* (por *indigna*).

77.3-5

“Tu só de mi só foges ...”: só tu não fazes senão fugir de mim;
“Quem te disse que eu era o que te sigo?”: quem te disse que era

OS LUSÍADAS

Leonardo, o homem mais desventurado em amores, que te seguia?;
“... aquela ventura”: o mesmo sentido de 76.1.

78.2-8

“... por que . . .”: para que; “Minha ventura é tal ...”: no sentido de 76.1 e 77.5; “Espera; quero ver, ... / Que sutil modo busca de escapar-te”: espera que eu quero ver que sutil modo a minha má ventura descobre para te livrares de mim (se tu quiseres esperar por mim); “*Tra la spica e la man ...*”: 8.º verso do soneto *Se col cieco desir che'l cor distrugge* (n.º LVI, Zingarelli), das *Rime* de Petrarca.

79.1-4

“Oh! Não me fujas! Assi nunca o breve / Tempo fuja de tua formosura!”; Oh, não me fujas! *Tempus fugit*, mas nunca da tua formosura; “Que, só com refrear o passo leve, / Vencerás da fortuna a força dura”: que só com moderares a tua corrida vencerás a força dura do destino.

79-5-8

O sentido é este: *nenhum imperador ou exército se atreverá a quebrantar a fúria da sua má ventura (que o vai seguindo em tudo quanto desejou) se não for ela, não lhe fugindo*.

80.2-8

“Fraqueza é dar ajuda ao mais potente”: neste caso à sua má ventura; “Não te carrega essa alma tão mesquinha [?]”: não te pesa essa alma (a de Leonardo) tão infeliz?; “Que nesses fios de ouro reluzente / Atada levas? ...”: que levas atada (essa alma) nos teus cabelos de ouro?; “... Ou, depois de presa, / Lhe mudaste a ventura e menos pesa?”: o Poeta (ou seja, Leonardo) procura uma transição do infortúnio para a esperança. Por isso pergunta se depois de ter presa a sua má ventura esta não terá mudado (para melhor).
Ort.: *depois* (por *depois*).

81.3-8

“... na virtude de teu gesto lindo”: pela nobreza ou generosidade do teu lindo modo; “... a triste e dura *estrela*”: a triste e dura sorte; “... não vás fugindo”; escusas de fugir; “E se me *esperas*, não há mais que *esperar*”: *esperas* e *espere* em sentidos diferentes: se me *esperas*, nada mais tenho a *esperar* (ou *desejar*).

OS LUSÍADAS

82.1-5

“Já não fugia a bela Ninfa tanto”: os comentadores têm achado este passo muito embrulhado, mas eu, talvez inconsideradamente, acho-o claro. E senão vejamos: *a bela Ninfa continuava a fugir, mas fazia-o agora não tanto para se dar cara ao triste que a seguia (como até aí), mas para ir ouvindo “o doce canto”, isto é, a linguagem da sedução, “as namoradas mágoas”, que ele, Leonardo, ia proferindo*. Se há dificuldade, não a vejo. Poder-se-ia manter o “Como” do 3.º verso; “... sereno e *santo*”: termo poético muito empregado. Virgílio, *E*, XI.158-159:

*... o sanctissima coniux,
felix morte tua neque in bunc servata dolorem!*
(E tu, minha santa mulher, ...)

83.2-5

“E que mimoso choro *que* soava!”: o segundo *que* é desnecessário; “... Que ira *honest*”: que ira decorosa; “O que mais passam na manhã e na *sesta*”: e na tarde.

84

Os Portugueses aparecem como triunfadores com grinaldas de louro, de ouro e flores abundantes. “As mãos alvas lhe davam como esposas”. Nos três últimos versos é o contrato nupcial “com palavras formais e estipulantes”.

85.1-8

“Ūa delas, maior, a quem se humilha / Todo o coro das Ninfas e obedece”: é *Tétis*; “Que dizem ser de Celo e Vesta filha”: v. VI.21.1-2; “O que no gesto belo se parece”: bem se mostra; “Recebe ali *com pompa honest* e régia / Mostrando-se senhora grande e *egrégia*”: com magnificência e decoro. Senhora *egrégia*, superior na distinção.

86.1-6

“Que, ...”: e assim; “Por alta influência do imóvel fado”: por alta influência do fado imóvel. Na oitava n.º 26 das oitavas ao “desconcerto do mundo” (“Quem pode ser no mundo tão quieto”) o Poeta escreveu: “por alta influência de minha estrela”, e na est. 28 do Canto I diz: “Prometido lhe está do Fado eterno”. Parece-me que todas estas transcrições se conjugam; “Pera lhe descobrir da unida esfera / Da terra imensa e mar não navegado / Os segredos, ...”: do

OS LUSÍADAS

globo terráqueo.

Ort.: *despois* (por *depois*).

87.3-6

“No qual *ũa rica fábrica* se erguia, / De cristal toda ...”: uma construção artificiosa, toda de cristal e de ouro puro e fino; “A maior parte aqui passam do dia”: passam aqui (as *Ninfas* e os nautas) a maior parte do dia; “Ela nos paços logra seus amores”: *Tétis* frui seus amores com Vasco da Gama na grandiosa fábrica que lhe pertence.

Ort.: *contino* (por *contínuo*).

88.1-3

“Assi a fermosa e a forte companhia”: a companhia formosa (a das *Ninfas*); a companhia forte (a dos navegantes); “Nũa alma, doce, incógnita alegria”: numa benéfica (*almus* é latinismo), doce e ignota (aos outros) alegria.

89

Começa nesta estância e vai até ao 4.º verso da est. 92 uma explicação toda espiritual do significado da Ilha dos Amores. Mas esta continua a ser a “ilha alegre e namorada” (X.143.4), quando a verdade é que desde a est. 89 do Canto IX ela passou a ser a “ilha angélica das honras deleitosas”. E isto apesar de as *Ninfas*, “já conformes e contentes,” subirem para os paços cos amantes (X.2) para o grande banquete presidido por *Tétis* (que tem a seu lado o claro Gama) e em que os comensais se sentam “dous e dous”, amante e dama, em cadeiras ricas, cristalinas. Não chega, no fim, a hora da despedida porque se embarcam com os nautas “as eternas esposas e fermosas” e aqueles muito contentes por levarem consigo a companhia desejada das *Ninfas*,

*... que hão-de ter eternamente
Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.*

(X.143.7-8)

Elas vão para lhes tecer coroas gloriosas (X.142.8).

A “Ilha dos Amores” foi um sonho de artista. Fica a alegoria, feita das “honras que a vida fazem sublimadas”, de “preminências

OS LUSÍADAS

gloriosas”, de “triumfos com a fronte coroada de palma e louro”,
enfim, de todos os deleites do espírito.

Pareceu-me necessário avançar até ao Canto X para criar a
perspectiva necessária à explicação das estâncias que ainda nos
restam.

89.2

“... e a Ilha *angélica pintada*”: *angélica*, própria dos anjos. *Pintada*,
representada; “... e maravilha”: admiração.

Ort.: *fermosas* (por *formosas*); *preminências* (por *preeminências*).

90.3-5

“... no estelante Olimpo, ...”: na brilhante morada dos deuses; “... a
quem subia / Sobre as asas ínclitas da Fama, / Por obras valerosas
que fazia”: (as imortalidades que a Antiguidade fazia) nas asas
gloriosas da Fama por motivo das obras valorosas que fazia.

91.5-8

“Que Júpiter, Mercúrio, Febo e Marte / Eneas e *Quirino* e *os dous*
Tebanos, / Ceres, Palas e *Juno* com Diana”: *Quirino*, nome de Rómulo
divinizado. *Os dous Tebanos*, Hércules e Baco. *Juno*, esposa de Júpiter
e rainha dos deuses.

92.2-7

“*Lhe* deu ...”: lhes deu; “*Indígetes*, Heróicos e de Magnos”: *Indígetes*,
divindades primitivas e nacionais dos Romanos. No sing., *Índiges* é
aplicado a Eneias. Notar que *Magnos* rima com *estranhos e tamanhos*;
“... ser tamanhos”: ser tão grandes; “... do ócio *ignavo*”: do ócio mole.
Ignavo, do latim *ignavus*.

93.1-5

“E ponde na *cobiça* ...”: avidez de riquezas, do “ouro” de que fala no
v. 5 desta estância; “... esse *ouro puro*”: como em 87.4.

Ort.: *milhor* (por *melhor*).

94.4

“Ou vos vesti nas armas rutilantes”: *vestir em*, hoje *vestir-se de*.

Ort.: *imigos* (por *inimigos*).

OS LUSÍADAS

95.1-5

“E fareis *claro* ...”: fareis ilustre; “Agora ... / Agora”: ora ... ora ... ; “... como os vossos já passados”: como (fizeram imortais) os vossos antepassados; “Impossibilidades não façais”: o primeiro hemistíquio do v. 6 mostra que o sentido só pode ser: impossibilidades não há para vós.